

Ana Paula Quintela
Universidade do Porto

O fascínio de um mito

Senhora Presidente do Conselho Directivo
Senhor Presidente da Assembleia de Representantes
Senhora Presidente do Conselho Científico
Senhor Presidente do Conselho Pedagógico
Senhora Presidente do DEPER
Senhores Professores
Senhores Assistentes, meus caros colegas
Meus queridos ex-alunos e demais estudantes
Senhores Funcionários
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Qual Danaide – condenada a tentar encher um tonel sem fundo – ou como Sísifo – que incessantemente recomeça a vã tarefa de carregar por uma encosta acima um pesadíssimo rochedo, que todas as vezes que atinge o cume, resvala para trás, para o sopé do monte – assim eu, apesar dos meus esforços, nunca logrei levar a bom termo a árdua empresa de apresentar, enquanto docente desta Faculdade, a minha dissertação de doutoramento. Não deixa, por isso, de ser curiosa a coincidência – quiçá premonitória – de o tema escolhido para a minha tese de licenciatura ter sido “A Tetralogia das Danaides de Ésquilo” e, a esta mesma luz, também adquire para mim um especial significado o facto de o meu bom amigo Prof. Doutor Jorge Alves Osório ter escolhido para tema da comunicação, com que quis brindar-me no encerramento deste colóquio, um verso camoniano alusivo ao mito de Sísifo.

Penaliza-me sobremaneira, ao ser alvo desta homenagem, não me ter sujeitado às provas que a carreira universitária impõe. Disso me tenho penitenciado sem cessar e hoje, mais do que nunca, me amargura que os meus Pais tenham partido deste mundo sem verem realizado o sonho que lhes era mais querido, eles que jamais se pouparam a sacrifícios da mais diversa ordem para me proporcionarem as melhores condições para a minha formação académica. Pesa-me também de ter defraudado as esperanças do meu Marido e do meu Filho, que tantas vezes tentaram encorajar-me e que sempre se regozijam com os meus êxitos e de ter desapontado todos aqueles que me estimam, dentre os quais é digna de especial menção a Senhora Prof.^a Doutora

Maria Helena da Rocha Pereira, pelo empenho que sempre pôs na orientação dos meus trabalhos e pela confiança que em mim depositou e à qual não fui, infelizmente, capaz de corresponder.

Sinto, pois, sem falsa modéstia, que não sou merecedora desta homenagem que benevolmente entenderam prestar-me e que me aquece o coração. Jamais esquecerei aqueles que se empenharam na realização deste colóquio, tanto os que o promoveram, como os que o organizaram. O meu primeiro agradecimento vai, necessariamente, para a Reitoria da Universidade pelo apoio concedido. Cumpre-me também agradecer aos Conselhos Directivo e Científico e ao DEPER na pessoa das respectivas Senhoras Presidentes e outrossim aos meus prezados colegas de Filologia Clássica, que tudo prepararam até ao ínfimo pormenor, com sacrifício do precioso tempo que roubaram à preparação das suas provas de doutoramento. Quero igualmente demonstrar a minha gratidão a todos quantos me presentearam com as suas comunicações e benevolentes palavras de apreço: aos Senhores Professores Doutores Maria Helena da Rocha Pereira e Américo da Costa Ramalho, aos meus estimados Colegas de Filologia Clássica – tanto os que pertencem a esta Faculdade como aqueles que vieram expressamente da Lusa Atenas – bem como aos Docentes de Línguas e Literaturas Modernas, entre os quais se contam dois dos meus melhores amigos, já aposentados, e alguns dos meus queridos antigos alunos.

A todos ficarei grata para sempre por este gesto de amizade, que eu tomo como prémio da minha “vetustez” nesta casa, pois integrei, desde o ano da criação de Filologia Românica, juntamente com o primeiro leitor de Francês, Monsieur Baradat, o respectivo corpo docente, dirigido pela saudosa e douta romanista Senhor Prof^a Doutora Maria de Lurdes Belchior.

Neste momento tão especial da minha vida, vem-me também à lembrança o Senhor Prof. Doutor António Cruz, então Director desta Faculdade, que sempre me tratou com cordialidade e consideração, conquanto soubesse que eu não perfilhava as suas convicções políticas. É-me grato recordar esses tempos em que havia um são convívio entre as três secções que então existiam, a tal ponto que ainda hoje usufruo da estima de Docentes de História e de Filosofia dessa época. O alargamento do leque das secções permitiu-me cultivar novas amizades. Entretanto, ano após ano, iam chegando à secção de Filologia Românica novos assistentes, formados noutras Universidades. Creio que em cada um deles tenho ainda hoje um bom amigo. Além disso, o crescente número de alunos das disciplinas de Latim e de Cultura Clássica justificou a contratação de novos docentes. Uma forte amizade me liga a todos estes Colegas, com quem, naturalmente, tenho privado mais de perto. Com o correr do tempo, o corpo docente da secção passou a integrar também ex-alunos, aos quais me une um cordial afecto. Guardo, aliás, gratas recordações de grande parte dos estudantes a quem tive o prazer de dar aulas e de quem recebi, e recebo hoje ainda, inúmeras provas de apreço.

Aproveito este ensejo para agradecer também todas as mostras de simpatia com que os funcionários desta casa sempre me obsequiaram.

E não posso deixar de recordar, com sentida mágoa, todos quantos ensinaram, estudaram ou de qualquer outra forma trabalharam nesta Faculdade e que, levados pela morte, deixaram de fazer parte desta grande família.

Muito embora tenha aqui criado, ao longo de 35 anos de docência, as sólidas raízes a que já me referi, nunca cortei o cordão umbilical que ainda hoje me liga à *Alma Mater* conimbricense, onde me tem sido possível manter um profícuo contacto com os meus antigos Professores, a quem publicamente agradeço, não só tudo quanto me ensinaram e que ainda hoje, apesar da jubilação, devido a uma permanente e admirável actualização de conhecimentos, continuam a ensinar, mas também as lições que, através do exemplo, sempre me deram de honestidade intelectual e de humildade científica. Lamento, por isso, que não tenham podido participar neste colóquio os Senhores Professores Doutores Walter de Sousa Medeiros e Manuel de Oliveira Pulquério, cujas comunicações decerto apreciaríamos pelo rigor científico e clareza de exposição a que nos habituaram.

Dos meus Professores de Clássicas recordo, por fim, o Senhor Dr. Carlos Alberto Louro da Fonseca, que esporadicamente leccionou também nesta Faculdade, e que tão cedo partiu e tanta saudade deixou a todos quantos desfrutaram do seu agradável convívio, pois era afavelmente acessível e dotado de grande sensibilidade artística; dominava na perfeição tanto o Grego como o Latim e era um estrénuo defensor dos estudos clássicos e da sua divulgação, de que é exemplo o livro de iniciação à língua latina, por si igualmente ilustrado – *Sic itur in Urbem* –, que os nossos alunos tão bem conhecem.

Orgulho-me de ter sido discípula de tais Mestres e bendigo a hora em que, contra todas as expectativas, me matriculei em Filologia Clássica.

Ao terminar o curso liceal, planeava eu frequentar Filologia Românica, dado o encanto que, desde criança, sempre senti pela língua e pela cultura francesas. Para isso muito contribuíram meu Tio António Quintela, professor de francês no liceu de Bragança, que, sempre que nos encontrávamos, me suscitava a curiosidade por esse idioma, contando-me histórias e ensinando-me canções e lengalengas infantis, bem como a Senhora Dr^a Maria Júlia do Amaral, amiga da família, que, a brincar, desde a minha instrução primária, me tinha já guiado os passos na aprendizagem da língua francesa. Pensava eu então que conseguiria, a par do curso, prosseguir os meus estudos de Grego, por iniciativa própria e com o auxílio, sempre que viesse ao Porto, do Senhor Dr. Manuel Cerqueira, helenista emérito e devotado pedagogo, injustamente afastado do ensino por motivos políticos, e que em mim incutira a paixão por essa língua antiga que sempre me cativou. Mas, chegada a hora de me matricular na Universidade, meu Tio Paulo Quintela, que aqui evoco com saudade, fez-me ver que esse meu propósito não seria executável e aconselhou-me sabiamente a enveredar por Filologia Clássica, já que, com facilidade, poderia, mesmo sem ajudas, manter o contacto com o Francês.

Para sempre lhe ficarei grata por esse avisado conselho ... e não só ... Com o seu bem conhecido amor pela cultura grega, ofereceu-me, no primeiro aniversário que passei em Coimbra, a obra completa de Ésquilo, na edição bilingue da colecção Budé. Mal adivinhávamos, nessa altura, eu e ele, o peso que este presente iria ter na minha vida futura. Numas férias de Natal, abalancei-me a traduzir desse livro o *Prometeu Agrilboado* e tencionava guardar na gaveta esse mero exercício de tradução. Ainda hoje estou para saber como é que a notícia chegou ao conhecimento dos meus colegas da direcção do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, que se apressaram a

propor a encenação da peça. Entendeu o meu Tio, como Director Artístico do grupo, que o texto deveria ser revisto para a cena. Nunca mais esquecerei as enriquecedoras sessões de trabalho em que muito aprendi com quem conhecia a fundo o ofício de tradutor. Por diversas circunstâncias, só alguns anos mais tarde foi a peça representada e, nessa longínqua noite de 2 de Maio de 1967, pisei também o palco como coreuta. Nesse mesmo ano, esta minha tradução foi publicada pela Atlântida, que assim abria a colecção “O Grande Teatro do Mundo”.

Por tudo isto, e ainda porque a inflexível firmeza de carácter do Titã filantropo, que se tornou símbolo da luta contra a opressão, facilmente deslumbrou a jovem que, enquanto estudante em Coimbra, vivia apaixonadamente os acontecimentos político-académicos dos anos 60. Deste modo se colou a mim, como uma segunda pele, a figura de Prometeu. Não admira, por isso, que quem bem me conhece tenha escolhido para tema deste colóquio “As Artes de Prometeu”.

No prólogo da tragédia *Prometeu Agrilhoado* (vv. 110-111) diz o protagonista: “Apoderei-me da nascente do fogo que enchia um caule de canafrecha e que se revelou mestra de todas as artes e grande recurso para os mortais” e mais adiante, no 2º episódio (vv. 505-506): “Numa só frase, aprende tudo em suma: todas as artes para os mortais vêm de Prometeu”. O rol desses presentes que o Titã ofereceu aos mortais é longo (vv. 450-468 e 476-503), indo da construção de casas e do adestramento dos animais de tiro à extracção de minério, da astronomia à navegação, da medicina à adivinhação, da aritmética à escrita e à poesia. Causa estranheza que do conjunto das artes provenientes do fogo não faça parte a cerâmica, sabendo nós que Prometeu era deus dos artesãos e que os oleiros atenienses celebravam festas em sua honra, em que havia corridas de archotes. Dodds¹ faz notar que a tónica é aqui posta nos empreendimentos intelectuais, pois a olaria devia ser considerada excessivamente “tecnológica” pelo autor desta tragédia. Vemos, pois, que o fogo que Prometeu deu aos mortais não era apenas material e que trouxe à Humanidade a luz da civilização. Por isso afirma Jaeger: “O fogo, essa força divina, torna-se o símbolo sensível da cultura”², prosseguindo mais adiante: “Não é sem razão que o *Prometeu* tem sido sempre, dentre as obras da tragédia grega, a peça preferida dos poetas e filósofos de todos os povos; e continuará a sê-lo enquanto arder no espírito humano uma centelha do fogo prometeico”³.

Sendo Prometeu o símbolo de resistência à tirania, este fogo prometeico, a que alude o autor da *Paideia*, é o que dá aos homens alento para lutarem pelos seus ideais.

O *Prometeu* de Goethe, fragmento dramático da juventude do poeta, começa com a seguinte fala do insubmisso Titã:

«Não quero, diz-lhes lá!
E duma vez pra sempre: que não quero!»⁴

¹ *The Ancient Concept of Progress*, Oxford, at the Clarendon Press, 1973, p. 5.

² *Paideia* (tradução portuguesa), Lisboa, p. 287.

³ *Op. cit.*, p. 288.

⁴ Paulo Quintela, *Obras Completas*, II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997, p. 21.

De forma semelhante – quem sabe se por influência dos versos que acabei de ler – João de Barros inicia o “Canto de Prometeu”, incluído na colectânea *Humilde Plenitude* com um “Não!” de revolta, várias vezes repetido ao longo deste poema inconformista, que, na opinião de Ferreira de Castro⁵, terá sido escrito contra aqueles “que dominavam a Europa em 1940” e que “ameaçavam fazer triunfar por toda a parte a tirania”.

Inevitavelmente nos vem à memória a estrofe final da “Trova do vento que passa” de Manuel Alegre⁶:

“Mesmo na noite mais triste
em tempo de servidão
há sempre alguém que resiste
há sempre alguém que diz não.”

Esta quadra que veio a talho de foice referir, devido à semelhança com os dois poemas acima mencionados, ilustra a antítese entre as trevas “da noite mais triste” e a luz que irradia da negação.

Guerra Junqueiro, no seu *Prometeu Libertado*, de que nos deixou apenas um esboço, postumamente publicado por Luís de Magalhães, apresenta o Titã como um rebelde que se insurge contra a tirania, não só das divindades ou do Deus-Milhão, mas até dos próprios homens que ele emancipara. Seria o Messias quem, no final, viria através da conversão, livrar Prometeu não dos grilhões mais duros que o bronze nem do abutre que lhe roía a alma, mas do seu suplício moral e ele então, já cristianizado, exclamaria: “Só agora sou livre. Foi Jesus Cristo que me libertou”.

Outras obras de inspiração cristã já tinham aproximado o Mártir do Gólgota do do Cáucaso, como, por exemplo, o *Prometeu* de Edgar Quinet, onde Jesus é apelidado de “outro Prometeu de face divina”, terminando o poema com a libertação do Titã pelos Arcanjos Miguel e Rafael.

No drama lírico de Shelley *Prometeu Libertado*, o Filantropo, que almeja alcançar a Verdade, a Liberdade e o Amor, resiste a Júpiter tirano, que simboliza o Mal, e ecoam, donde em onde, frases evocativas da Bíblia, havendo mesmo um momento em que o protagonista vislumbra “um jovem de rosto resignado pregado numa cruz”, de cuja frente coroada de espinhos escorrem “gotas de uma sangrenta agonia”.

Parece não haver dúvidas de que Junqueiro terá tido conhecimento destas duas obras, pois Luís de Magalhães as menciona, no prefácio, embora assevere que existe uma grande diferença entre elas e o poema português, onde, segundo diz, “o encontro de Jesus e do Titã é o fundamento de toda a obra e a chave da simbolização filosófica. Não é um episódio, é a própria substância do poema”⁷.

A rebeldia de Prometeu continua a empolgar os autores e encenadores contemporâneos. Assim, em 1997, Jorge Silva Melo levou à cena três peças vanguardistas sobre o tema: *Prometeu – rascunhos à luz do dia*, espectáculo sem um texto pré-estabelecido

⁵ João de Barros, *Anteu Sísifo: poemas dramáticos* (pref. Ferreira de Castro), Lisboa, Livros do Brasil, 1960, p. 18.

⁶ *Praça da Canção*, Coimbra, Vértice, 1965, p. 92.

⁷ Guerra Junqueiro, *Prometeu Libertado* (pref. Luís de Magalhães), Porto, Livraria Chardron, 1926, p. 22.

que foi ganhando forma à medida que as representações se sucediam e em que eram postas questões ao público sobre a identidade de Prometeu (seria ele Estaline, Otelo ou Eanes?); *Prometeu Agrilboado/Libertado*, com base no texto atribuído a Ésquilo, mas em que o Cáucaso é substituído pelo Tarrafal, por Peniche, por Caxias ou pela Sibéria e em que a cena se desenrola, por exemplo, na Espanha durante a guerra civil, ou na Alemanha, no período nazi. *Prometeu-Ruínas* texto escrito em parceria com Paulo Claro, que interpreta o monólogo intitulado “Num país onde não querem defender os meus direitos, eu não quero viver”, sendo o tema da peça a revolta dum comerciante de cavalos que, oprimido pelo poder, se faz revolucionário, sendo, por isso, condenado à força.

Mas nem sempre, mesmo na Antiguidade Clássica, foi Prometeu apresentado desta forma heróica. É que o Titã possuía já na obra de Hesíodo, onde o mito surgiu pela primeira vez, determinados traços de carácter caricaturais, ou melhor dizendo ... *caricaturáveis*.

Tanto na *Teogonia* como nos *Trabalhos e Dias* vemo-lo a ludibriar Zeus, destinando-lhe, num sacrifício, um montão de ossos coberto de gordura e reservando para os mortais a melhor parte da vítima. Como castigo deste dolo, Zeus privou os homens do fogo, que mais tarde o Titã roubou.

Pelo contrário, na tragédia *Prometeu Agrilboado*, é omitido o embuste maquinado contra o Pai dos Deuses e dos Homens, surgindo, portanto, o Filantropo como aquele que, pela primeira vez, deu o fogo aos homens, pois o tragediógrafo não poderia denegrir a figura do protagonista.

Mas, mesmo aí, afloram de quando em vez, indícios da astúcia de Prometeu, o que não é para admirar, pois um herói tão respeitado como Ulisses também possuía esse característica, sendo apelidado até, nos Poemas Homéricos, de *πολυμήχανος* ou *πολύμητις* “o dos mil artifícios”.

Prometeu é, por duas vezes, apodado de “ardiloso” (*σοφιστής*), uma pelo Poder no prólogo (v. 62) e outra por Hermes, no êxodo (v. 944), que mais adiante (v. 1011) afirma: “A tua ira confia numa fraca manha (*σόφισμα*) Oceano também o considera “fértil em manhas” (v. 308) (*ποικίλος*), adjectivo semanticamente próximo dos epítetos de Ulisses acima referidos: *πολυμήχανος* e *πολύμητις*. Ainda no 1º episódio (vv. 206-208), ao falar dos conselhos argutos que dera aos seus irmãos durante a Titanomaquia, Prometeu, contrapondo a solércia à força, diz ao coro: “Desprezando as artimanhas, pensavam, com a presunção de fortes, que, sem custo, venceriam pela violência”.

Infelizmente, não chegou até nós o drama satírico da tetralogia a que pertence a tragédia *Os Persas*, *Προμηθεὺς πυρκαεὺς* que significa *Prometeu que Queima com o Fogo* e que foi levado à cena em 472 a.C.

Desconhece-se como seria aqui apresentada por Ésquilo a figura de Prometeu, mas uma coisa é certa: o mito seria tratado de forma jocosa.

Não admira, por isso, que, em 414 a.C., Aristófanes incluia o Filantropo na sua comédia *As Aves* (vv. 1994-1552). Bizarramente vestido, embiocado e abrigando-se com uma sombrinha, Prometeu vai em missão secreta a Vila Nuvem dos Cucos (tradução que proponho para o singular composto aristofânico *Νεφελοκοκκυγία*). O deus traz a notícia do estado de inanição a que as divindades do Olimpo estavam a chegar pelo facto de terem deixado de pagar aos habitantes de Vila Nuvem dos Cucos o tributo que lhes era

devido pela passagem do fumo dos sacrifícios que os mortais faziam na terra. Por isso – avisa Prometeu – tinham os deuses decidido preparar uma embaixada para entabular negociações com Pistetero, que tendo fugido de Atenas, tinha fundado a povoação dos aerícolas. O Titã aproveita a ocasião para o instigar a exigir do Pai dos Deuses o ceptro para as aves e para si próprio a mão da Realeza, companheira de Zeus.

Esta curta cena é de primordial importância para o desenlace da peça, pois o comediógrafo, ao apresentar o Titã como instigador da revolta das aves contra os deuses, imprime à ação um novo e inesperado rumo. Era este o momento azado para fazer entrar em cena um deus rebelde e filantropo, um declarado inimigo de Zeus, capaz de astúcia e de traição que ensinasse a Pistetero a forma de conduzir as conversações com a embaixada dos deuses, para que as aves pudessem conseguir a soberania e o refugiado ateniense celebrar as suas núpcias com a Realeza.

Aristófanes aproveitou do mito de Prometeu as características do Titã que melhor se ajustavam à comédia – a astúcia e a perfídia – juntando-lhes um ingrediente burlesco – a cobardia, transformando o intrépido rebelde numa figura medrosa, em permanente sobressalto, que se disfarça de mulher com receio de ser reconhecido por Zeus e que conspira na sombra, ou melhor, à sombra ... duma sombrinha.

No século II da nossa era, Luciano escreveu um Diálogo intitulado *Prometeu* ou *O Cáucaso*, em que surgem como interlocutores Hermes, Hefesto e o próprio Titã. Trata-se de uma sátira religiosa que não só parodia o *Prometeu Agrilhoado*, mas também a retórica sofisticada.

O sarcasmo foi a forma que André Gide encontrou para abordar o mito do Filantropo no conto filosófico *Prometeu mal-agrilhoado*, que nos mostra o Titã como fabricante de fósforos e que termina com um banquete em que Prometeu se delicia a saborear a águia que lhe devorara o fígado.

É de 1997 a grotesca peça de Heiner Müller *A Libertação de Prometeu*. O autor desconstrói o mito. Faz da águia a única companhia do Titã, que mais não é para ela do que uma pedra comestível, que cobre de fezes, que, por sua vez, servem de alimento a Prometeu. Hércules, por causa do odor fétido exalado pelo Agrilhoado demora milénios a vir matar a águia e só o faz depois de um dilúvio de 500 anos ter lavado o Cáucaso. Uma vez libertado, Prometeu lastima-se da morte do seu animal de companhia, que com os excrementos o tinha alimentado.

As obras literárias a que me referi são amostra dos textos onde, através dos séculos, tem ressurgido o mito de Prometeu.

Mas o tema não se esgota na literatura. Serviu também de inspiração a compositores, entre os quais Beethoven, Liszt, Gabriel Fauré, Scriabin e mais recentemente Carl Orff; a pintores, como Miguel Ângelo, Gustave Moreau e, nos nossos dias, ao português Carlos Carreiro e a escultores, de que são exemplo Paulanship, a quem se ficou a dever a estátua de Prometeu do Rockefeller Center de Nova Iorque e, entre nós, José Rodrigues, cuja escultura do Titã se encontra no *campus* de Gualtar da Universidade do Minho.

Posto isto, creio ter ficado demonstrado com este colóquio, uma vez mais, o valor perene da cultura clássica. Resta-nos, agora, esperar pacientemente que Hércules, depois de ter libertado Prometeu da tirania do obscurantismo, venha executar um novo trabalho, matando a ignara hidra da tecnocracia que ameaça as Humanidades.

